

SER MULHER COMUNISTA: DIRCE MACHADO, A CULTURA E POLÍTICA COMUNISTA E A REVOLTA CAMPONESA DE TROMBAS E FORMOSO (1955 - 1964)

Ana Júlia Sousa Marinho¹; Luiza Louback Fontes ²; Martha Rebelatto³, Paula Elise Ferreira Soares ⁴

1 Ana Júlia Sousa Marinho, Química, Instituto Federal de Minas Gerais, Betim - MG

2 Luiza Louback Fontes, Química, Instituto Federal de Minas Gerais, Betim - MG

3 Martha Rebelatto: Pesquisador do IFMG, campus Betim; martha.rebelatto@ifmg.edu

4 Paula Elise Ferreira Soares: Pesquisador do IFMG, campus Betim; paula.elise@ifmg.edu.br

RESUMO

O objetivo deste projeto de pesquisa é compreender como a cultura política comunista conformou uma identidade feminina específica que levou a militante Dirce Machado a se tornar líder de um grupo de mulheres que atuou na revolta camponesa de Trombas e Formoso (GO, 1955-1964). No começo dos anos 1950 Dirce Machado, sob orientação do PCB, se mudou para Trombas e Formoso, uma região do norte de Goiás que estava sendo ocupada por centenas de posseiros e disputada por grileiros. Junto a outros quatro militantes comunistas, Dirce pretendia organizar os trabalhadores rurais e impedir sua expulsão das terras. Ao chegar à região foi surpreendida pelas péssimas condições de vida das famílias dos posseiros, em especial das mulheres, as quais, além da miséria, eram submetidas a violências físicas e psicológicas pelos homens da região. Dirce, então, organizou um trabalho político junto a um grupo de donas de casa dedicando-se a ensinar-lhes desde noções de higiene até a ideologia comunista. As posseiras que se uniram a Dirce formaram um grupo guerrilheiro que possuiu destacada atuação na revolta de Trombas e Formoso e, juntas, passaram a exigir, além do acesso à terra, uma nova postura por parte dos homens da região. Ao se ocupar da organização política das mulheres do norte de Goiás, visando libertá-las da opressão masculina e agrária, Dirce Machado se utilizou do repertório cultural partilhado pelo PCB acerca da questão feminina e, nesse processo, reafirmou sua própria identidade de gênero. Através da metodologia da história oral e do arcabouço teórico da História Cultural do Político, esta pesquisa pretende analisar a trajetória de Dirce no movimento camponês goiano, suas memórias sobre o evento e, sobretudo, analisar os significados atribuídos por ela à experiência de ser mulher no meio rural brasileiro em oposição a de ser uma mulher comunista. Este projeto é parte das pesquisas do Núcleo de História Oral e Mundos do Trabalho do IFMG- Betim.

INTRODUÇÃO:

Desde sua fundação em 1922 o Partido Comunista do Brasil (PCB) contou a filiação de mulheres e assumiu o compromisso de desenvolver um trabalho político voltado especificamente para a superação do que era denominado pelos militantes como “questão feminina” (SOARES, 2021). Por “questão feminina”, os comunistas denominavam o fenômeno da desigualdade social, cultural, política e econômica existente entre os sexos nas sociedades, a qual gerava a subordinação das mulheres ao domínio masculino. Para os militantes, seu surgimento coincidiria com o aparecimento da propriedade privada e marcaria a consolidação do patriarcado como um dos fundamentos do sistema capitalista.

Tornar as mulheres social e culturalmente inferiores aos homens seria o primeiro aspecto a evidenciar o nascimento da dinâmica de conflitos batizada como luta de classes. Sendo assim, para os comunistas, a construção de uma sociedade livre das hierarquizações opressoras pressupunha a luta pela superação da submissão das mulheres aos homens.

Junto ao PCB, o debate sobre a condição de vida das brasileiras e as instruções sobre como desenvolver o trabalho político feminino começou com maior expressividade a partir de 1925, através do jornal *A Classe Operária*, e, em seguida, motivou a criação de organizações exclusivamente integradas por mulheres. Entre 1928 e 1956 surgiram quatro instituições femininas de caráter nacional, todas sediadas na então capital federal, a cidade do Rio de Janeiro: o Comitê de Mulheres Trabalhadoras (CMT, 1928-1933), a União Feminina do Brasil (UFB, 1935), o jornal *O Momento Feminino* (1947-1956) e a Federação de Mulheres do Brasil (FMB, 1949-1956). A partir delas, entidades de âmbito local também foram criadas nos diversos estados brasileiros entre as décadas de 1920 e 1950, todas comandadas por mulheres comunistas e apoiadas pelos militantes e pelo comando partidário. Em comum, tais entidades possuíam a intenção de promover a politização das brasileiras, sobretudo as trabalhadoras, procurando lhes esclarecer sobre a dupla exploração gerada pela sua condição de classe e de gênero. Através de ações que procuravam dar visibilidade aos anseios das trabalhadoras e mulheres das camadas populares, as comunistas esperavam formar organizações femininas de massa e assumir o protagonismo das lutas das mulheres no cenário político brasileiro. Junto ao CMT, as pecebistas lutaram pela sindicalização das trabalhadoras e procuraram envolvê-las nas campanhas eleitorais do país, ainda que as mulheres não possuíssem direitos políticos garantidos. A UFB procurou incluir as mulheres nas lutas antifascistas que tomaram o Brasil nos primeiros anos da década de 1930 e procurou desenvolver ações pela ampliação de seu acesso à cultura. E, o jornal *O Momento Feminino* e a Federação de Mulheres do Brasil, juntos, garantiram a ampliação do debate comunista sobre a questão feminina nas fileiras do partido, apoiaram candidaturas femininas em diversas eleições, promoveram denúncias sobre as condições de vida das trabalhadoras, divulgaram o que consideravam as benesses garantidas pelos países comunistas às mulheres e consolidaram a participação do Brasil no movimento feminino comunista internacional comandado pela Federação Democrática Internacional de Mulheres (FDIM, 1945-...). Através dessas organizações as comunistas procuraram envolver as mulheres e suas demandas em todas as esferas de atuação e ações do partido, fosse no campo ou na cidade.

Apesar da expressividade do trabalho político desenvolvido pelo PCB junto às mulheres, a historiografia pouco discutiu sobre a trajetória das organizações femininas e das ações e liderança das comunistas. Isso se deve tanto à memória crítica fixada sobre o PCB a partir de 1964 quanto à narrativa historiográfica que se tornou hegemônica acerca das lutas pelos direitos das mulheres no Brasil.¹ Em função disso, esse trabalho pretende ser uma contribuição para os estudos acerca da participação política feminina, em especial, a atuação de mulheres junto ao PCB. Trata-se de uma investigação que pretende dar seguimento à pesquisa que originou a tese de doutorado apresentada junto ao programa de pós-graduação em História da UFMG pela historiadora Paula Elise Ferreira Soares, trabalho que contou com o incentivo institucional do IFMG.

¹ Desde 1964, quando optou por resistir à ditadura militar por vias institucionais e democráticas, o PCB sofreu com o desmembramento de suas fileiras. Os militantes que romperam com o partido passaram a encará-lo como uma instituição retrógrada e obsoleta, imagem que acabou se refletindo nas análises historiográficas. Além disso, após o retorno do exílio, sobretudo na França, muitas ex-pecebistas aderiram às associações feministas, rompendo com o PCB, e, sob a luz de seu novo definiram o PCB como uma instituição machista e patriarcal. Para mais informações, ver: SOARES, Paula Elise Ferreira. A questão feminina no PCB (1925-1956): as mulheres na cultura política comunista. Tese de Doutorado. UFMG, 2021.

Na presente pesquisa, nos voltamos para o trabalho político desenvolvido pela militante comunista Dirce Machado junto a trabalhadoras rurais do norte de Goiás, nas regiões conhecidas como Trombas e Formoso. Dirce Machado foi deslocada para a região pelo partido no começo dos anos 1950 ao lado de outros três militantes do PCB com o objetivo ajudar as famílias de posseiros a resistirem às investidas de grileiros que tentavam se apropriar das terras devolutas que haviam sido ocupadas pelos camponeses. Naquele momento, a orientação partidária defendia o investimento do trabalho político comunista no meio rural e a articulação de ações mais radicais de enfrentamento ao latifúndio, especificamente, a luta armada. Ao serem enviados para Trombas e Formoso os militantes comunistas seguiam com a missão de avaliar o potencial revolucionário do conflito iniciado pelos posseiros, além de promoverem o treinamento militar que poderia no curto prazo garantir as terras aos posseiros e, no médio prazo, acreditavam os militantes, viabilizar o surgimento da centelha revolucionária brasileira.

Dirce Machado adentrou as fileiras do PCB quando possuía 12 anos, no final da década de 1940. Filha de trabalhadores rurais, a militante encontrou no partido a possibilidade de estudar, conhecer novas regiões e, sobretudo, conformar uma trajetória de vida que rompia com os padrões de feminilidade hegemônicos no meio rural brasileiro. Por isso, ao chegar em Trombas e Formoso em 1955, ela se indignou com as péssimas condições de vida das famílias dos posseiros, em especial das mulheres, as quais, além da miséria, eram submetidas a violências físicas e psicológicas pelos homens da região. Dirce, então, organizou um trabalho político junto a um grupo de donas de casa dedicando-se a ensinar-lhes desde noções de higiene até a ideologia comunista. As posseiras que se uniram a Dirce formaram um grupo guerrilheiro que possuiu destacada atuação na revolta de Trombas e Formoso e, juntas, passaram a exigir, além do acesso à terra, uma nova postura por parte dos homens da região. Ao se ocupar da organização política das mulheres do norte de Goiás, visando libertá-las da opressão masculina e agrária, Dirce Machado se utilizou do repertório cultural partilhado pelo PCB acerca da questão feminina e, nesse processo, reafirmou sua própria identidade de gênero. A atuação de Dirce Machado em Trombas e Formoso pode ser compreendida, portanto, como parte do trabalho político feminino desenvolvido pelo PCB entre os anos 1940-1960.

METODOLOGIA:

A metodologia central deste projeto de pesquisa é a história oral, entendida como “um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 2004, p. 18). Trata-se, portanto, de uma metodologia qualitativa de pesquisa em Ciências Sociais e Humanidades. Seus procedimentos básicos consistem na construção de roteiros a partir de problemáticas específicas; na documentação de narrativas orais por meio de entrevistas roteirizadas; na produção de cadernos de campo pelos pesquisadores; na transcrição das entrevistas; na constituição de um acervo de pesquisa que contenha as entrevistas, os cadernos de campo e o material documental doado pelos entrevistados; na análise das fontes documentais, levando em conta aspectos como a linguagem e a prática social da memória; no retorno aos entrevistados através de ações como a exibição comentada de curtas-metragens produzidos com trechos das entrevistas; e, por fim, na publicização dos resultados para a comunidade acadêmica. Tal qual entendida neste projeto, a metodologia da história oral está fundamentada em quatro conceitos-chave: experiência, memória, narrativa e identidades (HERMETO e AMATO, 2014, p. 43-4).

Este projeto de pesquisa está baseado em uma entrevista realizada em 2016 com a militante comunista Dirce Machado. Tal entrevista seguiu a proposta temática, ou seja, versa “prioritariamente

sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (ALBERTI, 2004, p. 37) e está em processo de transcrição e análise. A análise histórica desse material será guiada pelo cotejamento de fontes, procurando contextualizar as suas condições de produção e estabelecer relações entre elas.

O arcabouço teórico que orienta esta pesquisa se vincula à História Cultural do Político, proposta que defende a ampliação dos objetos de estudo da História Política, a consideração de sujeitos para além daqueles envolvidos com a esfera estatal e a importância de analisar não apenas os argumentos racionais dos indivíduos, mas, igualmente, suas sensibilidades, seu imaginário, sua inserção cultural (SIRINELLI, 1998 p 125). Para tanto, a História Cultural do Político se vale de um escopo ampliado de fontes, desde aquelas escritas e oficiais, passando pelas produções culturais e, ainda, pela inclusão das fontes (inclusive orais) de cunho privado produzidas pelos sujeitos estudados. Para esta pesquisa, interessa, além da validação das entrevistas como documentação, o emprego do conceito de cultura política comunista, noção que têm viabilizado uma renovação dos estudos sobre a militância e os governos comunistas em todo o mundo. Por cultura política entendemos um “conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por um determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro” (MOTTA, 2009. P 21). No caso da cultura política comunista no Brasil entre 1922-1964, podemos afirmar que seu principal disseminador era o PCB.

Compreender o PCB como um partido a partir do qual se construía e se difundia a cultura política comunista significa analisá-lo como propagador de uma identidade que se destaca pela singularidade do imaginário partilhado, o qual molda as ações e pensamentos de seus militantes. O imaginário, como afirma o pensador francês Michel Maffesoli, é o “estado de espírito” que caracteriza um grupo, é a dimensão não racional que sedimenta modos de agir, pensar e sentir que perpassam a existência de um coletivo. Mais do que um conjunto de bens simbólicos que um grupo da sociedade constrói para dotar de significação os fenômenos e as experiências do mundo, definição apresentada por Bazcko, é preciso perceber o imaginário como a “aura”, “uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável” (MAFFESOLI, 2001; BACZO, 1985). O imaginário não deve, pois, ser entendido como aquilo que se opõe ao real (BACZO, 1985), mas como o instrumental mental formado pelas diversas representações sociais que permitem aos indivíduos apreender e se posicionar perante o vivido. Esta pesquisa evidencia que o PCB, para além de ser uma organização que visava à conquista do poder governamental e de um eleitorado ou grupo de militantes, funcionava como um núcleo de socialização que propunha um esquema coletivo de interpretação da realidade, criando uma comunidade de indivíduos que partilhavam formas de pensar, agir e sentir, comunidade à qual Dirce Machado pertencia. O PCB não era apenas um partido que difundia uma ideologia, um conjunto de ideias que podia ser racionalmente apresentado; era uma organização cujos integrantes eram unidos por uma mesma sensibilidade, por uma forma comum de se definirem enquanto sujeitos do mundo (LAZAR, 1999).

No caso de Dirce Machado, o modo de ser comunista possuiu impacto decisivo em sua identidade de gênero e nos ajuda a compreender sua atuação junto às mulheres de Trombas e Formoso. Segundo aponta Dirce na entrevista realizada, nas fileiras do partido ela pôde se posicionar de forma livre e autônoma sobre todos os temas e construir uma trajetória de independência econômica e política.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

O projeto se encontra em fase de discussão e interpretação da entrevista concedida por Dirce Machado em 2016. Do que já foi possível apurar, percebe-se que a militante referenda sua identificação com a cultura política comunista e destaca a singularidade de sua trajetória enquanto

mulher camponesa, o que atribuiu, dentre outras coisas, ao fato de ter se tornado membro do PCB. Durante sua fala, a militante demarcou o que considera a sua especificidade de gênero: considera-se uma mulher independente, capaz de se impor e que era respeitada politicamente pelos demais membros do partido. Segundo Dirce, essa postura de vida nada submissa teria se manifestado em vários momentos, dentre eles, quando impôs condições de igualdade e autonomia antes de se casar com o militante José Ribeiro. Também, quando chegou à região de Trombas e Formoso com os cabelos curtos e vestindo calças, mesmo conhecendo a imagem feminina que era disseminada entre os camponeses da região em conflito. No norte de Goiás as mulheres usavam saias e cabelos compridos, por exemplo.

Dirce Machado destaca que apesar de ter sido direcionada pelo PCB com o objetivo geral de auxiliar os posseiros a organizarem a resistência armada aos grileiros, as condições de vida das mulheres que encontrou na área, a admiração que conquistou junto a elas e a própria conjuntura do conflito – que deslocou os homens para as áreas de piquete – motivou seu trabalho de politização e mobilização dos setores femininos. Além de motivar as posseiras a assumirem o trabalho na lavoura e as frentes de luta armada, Dirce Machado as incentivou a lutarem por respeito e igualdade de tratamento no ambiente doméstico. Segundo a militante, além da vivência da igualdade política no partido, o exemplo de sua mãe, uma mulher independente e resolutiva, a ensinou a não associar a condição feminina a uma situação de submissão e opressão. Sendo assim, por uma condição pessoal prévia e por sua filiação ideológica, a militante considerava intolerável as condições de vida das mulheres de Trombas e Formoso – mergulhadas no que a comunista descreve como ignorância, miséria e violência, esta imposta pelos homens de suas famílias – e assumiu para si a tarefa de convencê-las de que uma outra realidade era possível. Para tanto, apresentou não apenas seu exemplo – uma mulher que possuía um casamento marcado pelo respeito e pela igualdade de condições, que havia se instruído e se sentia capaz de realizar qualquer tarefa – e os fundamentos de sua ideologia política, mas também aproveitou as oportunidades de novas vivências para as mulheres viabilizadas pela eclosão da luta armada e o conseqüente deslocamento dos homens para os piquetes.

Ao longo da entrevista, Dirce Machado se apresentou como um sujeito empoderado pela capacidade de assumir suas tarefas do mundo público – as ações partidárias – e as tarefas do mundo privado – aquelas domésticas e relacionadas com a maternidade. Ao relembrar mulheres que admirava, a militante citou comunistas que possuíam trajetórias de coragem e dedicação – como Dolores Ibárruri, Elisa Branco e Olga Benário – e procurou, a todo momento, demarcar sua distância em relação às mulheres não comunistas, sobretudo aquelas que encontrava pelo interior do estado de Goiás, ainda que, com elas compartilhasse a condição de mãe e de dona de casa: “Coitadas, as mulheres não comunistas só eram subserviente, escravas, só sabia dizer amém”.

As análises realizadas até o momento parecem referendar o argumento de que a cultura política comunista até pelos menos 1964 era constituída por uma crítica ao patriarcado, pela representação da mulher como vítima da sociedade capitalista, mas, também como uma revolucionária em potencial. O PCB, através da fala de Dirce Machado, surge como um partido aberto à atuação das mulheres e marcado pelo respeito nas relações de gênero.

CONCLUSÕES:

O projeto ainda está em fase de pesquisa e, por isso, as conclusões apresentadas a seguir são parciais.

- A atuação de Dirce Machado nas fileiras do PCB contribuiu para a construção de sua identidade de gênero disruptiva e revolucionária.
- O PCB conduziu um trabalho político feminino no norte de Goiás através da atuação de Dirce Machado.
- A militante comunista construiu seu imaginário sobre o feminino a partir das representações partilhadas pelo PCB, quais sejam, a representação da mulher como vítima da sociedade capitalista, a mulher como revolucionária em potencial, a mulher como uma contrarrevolucionária em potencial quando não era educada politicamente.
- O trabalho político desenvolvido por Dirce junto às mulheres de Trombas e Formoso confirma que para os comunistas as lutas específicas associadas às demandas femininas não são dissociáveis da luta geral, ou seja, a luta pela implantação do regime comunista.
- Através de Dirce Machado, a luta pela terra em Trombas e Formoso se tornou, simultaneamente, uma luta pela igualdade de gênero na região.
- A atuação de Dirce Machado confirma que o trabalho político feminino comunista não se restringiu aos espaços urbanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Antrophos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HERMETO, Miriam e AMATO, Gabriel. Mais que um dedo de prosa: os recursos da História Oral contribuem para o compreender autônomo dos fatos históricos e o viver em sociedade. Carta Fundamental, São Paulo, 01 ago. 2013, p. 42-45.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade (entrevista). **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 15, ago. 2001.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). Culturas Políticas na História: novos estudos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009

LAZAR, Marc. Forte et fragile, emuable et changeante. La culture politique comunista. In: BERSTEIN, Serge. **Les cultures politiques en France**. Paris: Le Seuil, 1999.

SIRINELLI, Jean-François. De la demeure à l'agora: pour une histoire culturelle du politique. Vingtième Siècle. **Revue d'Histoire**, n. 57, jan.-mar. 1998

SOARES, Paula Elise Ferreira. A questão feminina no PCB (1925-1956): as mulheres na cultura política comunista. Tese de Doutorado. UFMG, 2021.

Participação em Congressos, publicações e/ou pedidos de proteção intelectual:



O projeto ainda não foi apresentado em congressos porque está em fase de pesquisa e análise de resultados.